

AGTU – THE GLOBAL UNIVERSITY

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO SANTOS DUMONT

Autor: Maria das Graças de Carvalho Sassim

CONTEXTO:

A Escola Estadual de Ensino Médio Santos Dumont, localizada na periferia de São Paulo, está se preparando para uma mudança significativa em seu corpo discente. Após uma série de reuniões entre a direção, professores e profissionais da saúde, foi decidido que a escola receberá, a partir do próximo ano letivo, 10 novos alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa decisão é resultado de um esforço conjunto para promover a inclusão e garantir uma educação de qualidade para todos os estudantes.

Os novos alunos, todos classificados no nível 1 do TEA, são compostos por 6 meninos e 4 meninas, cada um trazendo consigo desafios e necessidades únicas. Para garantir que esses alunos sejam bem acolhidos e recebam o suporte necessário para o seu desenvolvimento, a escola está implementando uma série de medidas.

Primeiramente, foram realizadas formações específicas para os professores e funcionários da escola, a fim de capacitá-los no entendimento do TEA e nas estratégias de ensino e manejo comportamental adequadas para esses alunos. Além disso, foram feitas adaptações nas estruturas físicas da escola para torná-la mais acessível e inclusiva, como a instalação de rampas e banheiros adaptados.

A equipe multidisciplinar da escola, composta por psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos, está trabalhando em conjunto para elaborar planos individualizados para cada aluno, levando em consideração suas habilidades, interesses e necessidades específicas. Esses planos incluem estratégias de ensino diferenciadas, acompanhamento psicológico e terapias especializadas, quando necessário. Além disso, a escola está promovendo a sensibilização e conscientização de toda a comunidade escolar sobre o TEA,

incentivando a empatia, o respeito e a compreensão em relação às diferenças. Para isso, serão realizadas palestras, workshops e atividades educativas ao longo do ano.

A chegada desses novos alunos representa um desafio, mas também uma oportunidade para a Escola Estadual de Ensino Médio Santos Dumont crescer como instituição inclusiva e acolhedora. Com o apoio de toda a comunidade escolar e o compromisso com a educação de qualidade para todos, a escola está preparada para receber e proporcionar uma experiência educacional enriquecedora para esses 10 novos estudantes com TEA.

À medida que o ano letivo se aproxima, a Escola Estadual de Ensino Médio Santos Dumont intensifica seus esforços na preparação para a chegada dos novos alunos com TEA. Reuniões regulares são realizadas entre a equipe pedagógica, os profissionais de saúde e os pais dos alunos, garantindo uma comunicação aberta e uma abordagem colaborativa para atender às necessidades individuais de cada estudante.

O planejamento curricular deve ser adaptado para incluir atividades e recursos que sejam acessíveis e adequados para os alunos com TEA. Estratégias de ensino diferenciadas deverão ser desenvolvidas para atender às diferentes formas de aprendizagem desses alunos, garantindo que todos tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial acadêmico e social.

Com isso, a escola está investindo na criação de espaços de convivência inclusivos, onde os alunos com TEA possam se sentir seguros e acolhidos. Isso inclui a designação de áreas de recreação específicas, equipadas com materiais sensoriais e atividades adaptadas, para garantir que todos os alunos possam participar plenamente das atividades escolares.

Os professores e funcionários da escola devem receber suporte contínuo da equipe multidisciplinar, participando de workshops e treinamentos adicionais conforme necessário. Isso garante que todos estejam bem preparados e capacitados para atender às necessidades específicas dos alunos com TEA, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor.

Todos devem receber os novos alunos com TEA e trabalhar juntos para criar um ambiente onde todos possam aprender, crescer e se desenvolver plenamente, independentemente de suas habilidades ou desafios.

OBJETIVO GERAL:

- Preparar a escola para receber os alunos com TEA, proporcionando um ambiente educacional inclusivo, acolhedor e que atenda às necessidades específicas desses estudantes.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar as características individuais e as necessidades educacionais dos alunos com TEA;
- Promover a capacitação e sensibilização da equipe escolar em relação ao TEA e às estratégias de ensino inclusivas;
- Adaptar o currículo escolar e desenvolver planos de ensino individualizados para atender às necessidades dos alunos com TEA;
- Criar um ambiente escolar físico e emocionalmente seguro e inclusivo para todos os alunos, independentemente de suas características individuais;
- Estabelecer parcerias com profissionais da saúde e organizações locais para oferecer suporte adicional aos alunos com TEA e suas famílias.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO:

Para embasar a preparação da escola, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas implicações educacionais. Foram consultados livros, artigos científicos, diretrizes educacionais e materiais produzidos por especialistas na área, a fim de compreender as características do TEA e identificar estratégias eficazes de ensino e suporte.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição amplamente prevalente, afetando inúmeras crianças em todo o Brasil. É fundamental que todas essas crianças tenham acesso a uma educação inclusiva e de excelência.

Além das características comuns, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é categorizado em diferentes níveis de suporte, conforme definido pelo DSM-V. Isso significa que o autismo é concebido como um espectro, onde cada indivíduo possui suas particularidades únicas, não havendo dois autistas iguais. Portanto, conforme destacado por Pezzi, Weizmann e Zanon (2020) e Orrú (2019), as necessidades dos alunos autistas no ambiente escolar também são singulares. O que funciona bem para um aluno no espectro pode não ser eficaz

para outro. Essa complexidade do quadro torna a inclusão do aluno autista um desafio significativo enfrentado pelos próprios alunos, professores e pela escola.

Para uma compreensão mais aprofundada dos diferentes níveis de suporte no autismo, o DSM-V (2013, p. 93) estabeleceu uma classificação em termos de gravidade. Assim, o nível 1 foi identificado como aquele que requer pouco suporte. No que diz respeito à comunicação social, os indivíduos autistas de nível 1 apresentam deficiências significativas nessa área, como dificuldades em iniciar interações sociais, respostas inadequadas ou sem sucesso a sinais sociais dos outros, e pode parecer que têm pouco interesse em interações sociais.

Quanto aos comportamentos restritos e repetitivos, eles tendem a exibir rigidez comportamental que interfere significativamente em seu funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldades em mudar de atividade e problemas com organização e planejamento podem representar desafios à sua independência.

Há um consenso sobre a importância de que as escolas regulares proporcionem às crianças com TEA igualdade de oportunidades e preparação adequada para a vida. No entanto, as escolas regulares demandam do aluno três habilidades que são justamente aquelas em que os autistas frequentemente enfrentam maiores dificuldades: comunicação, socialização e imaginação. Além do domínio dos conteúdos acadêmicos, um dos objetivos da inclusão dos alunos com TEA nas escolas regulares deveria ser a criação de um ambiente acolhedor e o desenvolvimento de estratégias para promover sua independência e autonomia (FAVORETTO; LAMÔNICA, 2014).

Uma das características dos indivíduos autistas é o intenso foco em seus interesses específicos. Se a escola conseguisse utilizar esses eixos de interesse dos alunos autistas como base para o ensino, é provável que os professores e a instituição obtivessem mais sucesso no processo de aprendizagem desses alunos.

A educação em escolas regulares contribui para o avanço do desenvolvimento social e cognitivo das pessoas com autismo, independentemente do nível de suporte que necessitem, além de promover a independência por meio da interação com seus colegas. Em geral, estudos indicam que a inclusão escolar traz benefícios tanto para o progresso das crianças com TEA quanto para aquelas com desenvolvimento típico, uma vez

que as habilidades sociais podem ser adquiridas por meio das interações que ocorrem durante o processo de aprendizagem social.

Fernandes e Fleira (2019) concluíram que inserir os alunos em um cenário inclusivo para aprendizagem é extremamente positivo, pois os envolvidos ganham com a experiência enriquecedora a todos e que o aluno pôde desenvolver todo seu potencial, aprender e ensinar, torna-se mais seguro, feliz e entusiasmado, passando a gostar de fazer atividades em sala: “sentiu-se parte do grupo-incluído”.

Em um estudo realizado por Gonçalves, Rahme e Vasconcellos (2020), foi constatado que houve progresso na aprendizagem de alunos com autismo por meio da implementação de métodos de ensino não convencionais. Isso envolveu a criação de condições adequadas para atender às necessidades específicas desses alunos, como a adaptação dos currículos e planos de ensino, a utilização de diversas estratégias didáticas que combinam teoria e prática, e o emprego de uma linguagem mais clara e objetiva para tornar o processo educativo mais acessível aos alunos autistas. Além disso, destacaram a importância do suporte às interações sociais e da habilidade dos educadores em lidar com o desenvolvimento socioemocional dos alunos, garantindo assim sua participação e permanência no ambiente escolar.

Os professores, em sua maioria, demonstraram sentir-se inseguros ao receber alunos com Transtorno do Espectro Autista em suas turmas. Os estudos apontaram que essa insegurança dos professores reflete a falta de conhecimento sobre o tema, o estigma associado ao autismo e, em alguns casos, a ausência de formação continuada, conforme evidenciado no artigo sobre Inclusão Escolar de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Os progressos em relação à aprendizagem dos alunos com autismo nas escolas regulares têm sido significativos. Inicialmente, a prioridade era garantir o acesso desses alunos à escola, demonstrando a importância do comprometimento da escola, dos professores, da família e da equipe multidisciplinar.

No entanto, a inclusão dos alunos autistas nas escolas regulares ainda está em fase de desenvolvimento e requer avanços. A efetiva inclusão escolar desses alunos depende de uma abordagem mais cuidadosa por parte da equipe

pedagógica, do reconhecimento de suas habilidades e potenciais, da capacitação de profissionais e cuidadores e da reestruturação do sistema educacional para acolher as diferenças e valorizar a diversidade em sala de aula.

Nessa abordagem, a importância dessa questão reitera a necessidade de que todos compreendam e aceitem a diversidade humana, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, essa pesquisa é relevante para a prática pedagógica, pois a matrícula de um aluno com necessidades educacionais especiais na escola não terá significado se não houver um compromisso real por parte das pessoas envolvidas, resultando apenas em mais uma criança "incluída" no sistema.

Portanto, é fundamental que não haja discriminação de nenhum indivíduo dentro do ambiente escolar, a fim de garantir que o processo de aprendizagem ocorra da maneira mais eficaz possível. O acesso à educação é um direito assegurado por lei, contudo, é essencial que os responsáveis legais o cumpram, pois todos têm direito a uma educação inclusiva e ao ensino público e gratuito. Esse direito é estipulado no Art. 208 da Constituição Federal de 1988, que estabelece que as pessoas com necessidades especiais devem receber educação, preferencialmente, no ensino regular.

VALIDADE E CONFIABILIDADE DA PESQUISA:

A pesquisa garantiu sua validade e confiabilidade ao utilizar fontes atualizadas e confiáveis, como dissertações, livros e revistas, além de fontes online respeitáveis. Foi realizada uma extensa busca por informações sobre a inclusão de alunos com TEA em salas de aula regulares e sobre a capacidade das escolas em adaptar-se às necessidades desses novos alunos. Além disso, foram consultadas diversas fontes de informação para obter perspectivas variadas e garantir a robustez dos resultados. Adicionalmente, as informações foram revisadas e validadas para garantir sua precisão e relevância.

PROTOCOLO: COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS

Os dados foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica, visando adquirir informações e conhecimentos relacionados ao tema em questão. O objetivo foi analisar as fontes essenciais que abordam a inclusão de alunos com TEA em escolas de ensino médio, ou seja, em salas de aula regulares. Durante esse processo, buscou-se identificar as necessidades e características individuais de cada aluno, adaptando assim as demandas específicas ao ambiente escolar durante o processo de adaptação.

ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS:

A chegada de uma criança com autismo na escola regular gera preocupação significativa, tanto para a família quanto para a instituição escolar. Nesse momento, tanto os familiares quanto os profissionais da educação questionam-se sobre os aspectos relacionados à inclusão dessas crianças, considerando as adaptações necessárias que a escola precisará realizar.

No entanto, essa não é uma missão simples, conforme destacado por Scardua (2008, p. 2). Para alcançar a verdadeira inclusão escolar, é imprescindível o comprometimento de todos os envolvidos, incluindo alunos, professores, pais, comunidade, diretores e todos aqueles que tenham algum tipo de envolvimento direto ou indireto na vida escolar.

Segundo Libâneo (2012, p. 489), o currículo é a concretização, a viabilização das intenções expressas no projeto pedagógico, e há muitas definições de currículo: conjunto de disciplinas, resultados de aprendizagem pretendida, experiências que devem ser proporcionadas aos estudantes, princípios orientadores da prática, seleção e organização da cultura.

Assim, ao receber uma criança na escola, os professores devem considerar não apenas os conteúdos acadêmicos a serem ensinados, mas também a necessidade de promover sua independência e capacidade de realizar atividades cotidianas por conta própria. Muitas vezes, os pais acabam realizando tarefas que as crianças poderiam realizar autonomamente. Um exemplo de currículo que enfatiza esse estímulo à autonomia é o Currículo Funcional Natural, cujo objetivo central, conforme LeBlanc citado por Suplino (2005, p. 33), é "tornar o aluno mais independente, produtivo e socialmente aceito". No entanto, é

importante ressaltar que a definição do que é considerado funcional varia conforme diferentes contextos.

Considerando a importância de compreender as necessidades individuais de cada criança, torna-se essencial realizar uma análise contínua e avaliação constante do currículo durante o processo de ensino-aprendizagem. Isso permitirá ao educador avaliar os progressos e obstáculos do aluno.

No entanto, para que o educador seja capaz de determinar o que e como ensinar um aluno com autismo, é crucial possuir uma formação adequada. Caso contrário, a metodologia empregada em sala de aula pode não alcançar o objetivo desejado, que é a aprendizagem. Este é um desafio significativo enfrentado pelas escolas, já que muitos professores não estão devidamente preparados devido à falta de formação. Santos (2008, p. 9) observa que nos currículos dos cursos superiores, as informações sobre autismo são limitadas e desatualizadas, e a bibliografia disponível é escassa, com a maioria dos textos sendo importados e traduzidos, assim como as experiências nesta área.

O professor deve estar ciente de que para garantir uma aprendizagem significativa por parte da criança autista, é necessário uma mudança em suas crenças e atitudes. É fundamental reconhecer que toda criança é capaz de aprender, sendo essencial um olhar reflexivo para identificar as habilidades individuais de cada uma e focar em suas potencialidades.

Além disso, é crucial que a criança autista tenha a oportunidade de interagir com outras crianças. Conforme destacado por Camargo e Bosa (2009, p. 67), para superar os déficits sociais dessas crianças, é fundamental proporcionar um aumento gradual nas experiências de socialização, permitindo assim o desenvolvimento de novos conhecimentos e comportamentos. As autoras ressaltam ainda que o convívio com outras crianças da mesma faixa etária possibilita o estímulo das capacidades interativas da criança com autismo, evitando assim o isolamento social. Além disso, o convívio de uma criança autista no ensino regular irá favorecer o seu desenvolvimento e de seus pares.

CONCLUSÕES:

Ao refletir sobre o tema, torna-se evidente que para garantir o acesso a uma educação verdadeiramente inclusiva para todos, é essencial o

comprometimento de alunos, professores, pais e toda a comunidade envolvida na vida escolar da criança com autismo. Além do envolvimento ativo da escola e da comunidade, é imprescindível que a escola disponha das condições necessárias para atender às necessidades desses alunos, garantindo seu acesso e permanência. Os professores devem estar atentos às necessidades individuais de cada aluno, concentrando-se em suas habilidades e potenciais, a fim de promover uma inclusão efetiva e facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

O currículo escolar desempenha um papel fundamental na promoção da autonomia do aluno autista, capacitando-o a realizar atividades cotidianas. Quando a teoria é colocada em prática, novos conhecimentos e comportamentos são adquiridos pelo aluno, superando assim os déficits sociais e tornando a escola verdadeiramente inclusiva.

É crucial que os professores enxerguem cada criança, seja ela autista ou com outra deficiência, como um sujeito capaz de aprender. Isso requer uma postura reflexiva e consciente em relação ao que se pretende ensinar. Embora os cursos de formação ofereçam disciplinas de Educação Especial, muitos professores ainda se sentem desconfortáveis ao receber alunos com necessidades especiais na escola, destacando a importância de uma formação contínua e aprofundada. Os profissionais precisam compreender e valorizar as diferenças, desempenhando seu papel de mediadores do conhecimento para todos os alunos, contribuindo assim para uma escola e uma sociedade mais inclusivas.

Existem várias abordagens para trabalhar com crianças autistas, mas não há uma fórmula única. É necessário investir em acolhimento e mediação da aprendizagem, adaptando as estratégias de acordo com as necessidades individuais de cada criança.

É fundamental que os profissionais que trabalham com crianças autistas reconheçam sua capacidade de aprendizado e entendam os desafios enfrentados. A colaboração entre família e escola é essencial para compreender as especificidades de cada criança e garantir uma inclusão efetiva. A educação de crianças autistas abrange uma ampla gama de habilidades sociais, visuais, comportamentais e de rotina, sendo todas essenciais para seu desenvolvimento

cognitivo, social e emocional, bem como para o bem-estar da criança e de sua família.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília/DF, 2008.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Lei nº12.764, de 11 de dezembro 2012, Brasília/DF, 2012.

CAMARGO, Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009.

FAVORETTO, N.C.; LAMÔNICA, D.A.C. Conhecimentos e Necessidades dos Professores em Relação aos Alunos com TEA. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.20, n.1, p. 103-116, 2014.

FERNANDES, S.H.A.A.; FLEIRA, R.C. Ensinando Seus Pares: a inclusão de um aluno autista nas aulas de Matemática. Bolema: Boletim Educação de Matemática, v.33, n. 64, Rio Claro, p.811-831, mai./ago. 2019.

GONÇANLVES, T.G.G.L.; RAHME, M.M.F.; VASCONCELOS, S.P. Transtorno do Espectro Autista e Práticas Educativas na Educação Profissional. Rev. bras. educ. espec., Bauru, v.26, n.04 p. 555-566, out./dez 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. 10. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2012.

ORRÚ, Sílvia Ester. Aprendizizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

PEZZI, F.A.S.; WEIZNMANN, L.S.; ZANON, R.B. Inclusão Escolar e Autismo: Sentimentos e Práticas Docentes. *Psicol. Esc. Educ.* v.24, Maringá 2020, elocation: e217841 e pub Nov, 30, 2020.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano dos. Autismo: desafios na alfabetização e no convívio escolar. 2008. 36 f. Trabalho de Conclusão (Curso de Distúrbios de Aprendizagem) – Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, São Paulo, 2008.

SCARDUA, Valéria Mota. A inclusão escolar e o ensino regular. *Revista FACEVV*, n. 1, p. 85-90, 2008.

SUPLINO, Maryse. Currículo funcional natural: guia prático para a educação na área de autismo e deficiência mental. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; Maceió: ASSISTA, 2005. (Coleção de Estudos e Pesquisa na Área da Deficiência; v. 11).